

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**BEAZLEY, Charles Raymond** (Blackheath, 1868 – Birmingham, 1955)

Nascido a 3 de Abril de 1868, em Blackheath, Charles Raymond Beazley era filho do reverendo J. Beazley. Durante a sua formação frequentou prestigiadas instituições britânicas, como St Paul's School, King's College (Londres) e Balliol College (Oxford). Completou o bacharelato em 1890, o mestrado em 1893 e tornou-se Doutor em Letras em 1908. Pouco antes de terminar o bacharelato, obteve uma *Fellowship* em História no Merton College, em Oxford (1889-1896). No ano seguinte, tornou-se *Research Fellow* na mesma instituição, aí se mantendo até 1909, quando integrou o professorado da Universidade de Birmingham para leccionar disciplinas no campo da História.

Grande parte da carreira de Beazley como docente foi passada em Birmingham, onde leccionou até 1933, embora tenha passado por várias outras universidades enquanto professor visitante. Em 1894 participou no semestre de verão da Universidade de Leeds. Já no novo século, passou pelos Estados Unidos da América, leccionando em diversas instituições, como a Universidade Massachusetts Lowell (1908). Em 1913 participou nas Ilchester Lectures, na Universidade de Oxford, com lições sobre história da Rússia. Esteve em França durante a Primeira Guerra Mundial, trabalhando para a Young Men's Christian Association, e, após terminar a guerra, tornou-se membro da University Delegations to France (1919), tendo colaborado com várias universidades francesas. Nos anos 30, antes do despoletar da Segunda Guerra Mundial, visitou a Alemanha múltiplas vezes para leccionar como professor visitante (1930, 1931, 1933, 1934 e 1937).

Raymond Beazley esteve também associado a sociedades académicas. Tornou-se membro da Royal Geographical Society, sediada em Londres, em 1893, servindo o Conselho desta instituição de 1919 a 1923. No dealbar do século XX, tornou-se membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa e, em 1911, por altura da implantação da Primeira República Portuguesa, membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Hispanic Society of America e da Société Archéologique de France (1913). Foi galardoado em diversas ocasiões, não só durante a sua formação, mas também já como historiador consagrado, designadamente com o prémio *Gill Memorial*, da Royal Geographical Society,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

pela obra *The Dawn of Modern Geography* – porventura o seu trabalho mais aclamado – e pela sua contribuição para a história da Geografia.

À semelhança de outros historiadores britânicos que revelaram interesse pela história de Portugal, não existe ainda um estudo sistemático acerca da obra e do pensamento historiográfico de Raymond Beazley. No entanto, tem sido considerado um “historical geographer”, fazendo da articulação entre História e Geografia o cerne do seu trabalho enquanto historiador. Focou-se amplamente na época medieval e em matérias relacionadas com o período da expansão marítima e exploração colonial, sobretudo no que concerne aos estudos que realizou sobre o passado histórico português. Beazley interessou-se também, já numa fase mais tardia da sua carreira, por temas da contemporaneidade. Deve referir-se, nesse âmbito, *Nineteenth Century Europe and Britain* (1922) e *The Road to Ruin in Europe, 1890-1914* (1932). Na primeira obra, o historiador britânico considerou o século XIX “a torch to light us forwards as well as backwards”, salientando o papel dos espaços germânico e russo no desenrolar da história do século XIX. Refere, aliás, que “this 'Nineteenth Century' time in Continental History from 1812 is, above all, Germanic and Russian”, observando ainda que o “German nationalism, directed by Prussia, gradually comes to lead the politics, as German intellect had already begun, in so many fields, to lead the thought of Europe” (*Nineteenth Century...*, 1922, pp. 5, 9-10). Importa sublinhar, de resto, o seu interesse pelo passado histórico russo, patente não só na colaboração no extenso estudo *Russia from the Varangians to the Bolsheviks*, mas também no artigo “The Russian Expansion towards Asia and the Arctic in the Middle Ages (to 1500)”, vindo a público em *The American Historical Review*, e nas múltiplas revisões críticas a obras sobre história russa, que assinou no *The Geographical Journal*.

Entre as obras que o historiador britânico publicou, destaca-se, como já referimos, *The Dawn of Modern Geography*, editado em três volumes e vindo a público entre 1897 e 1906. Trata-se de um trabalho monumental – porventura o primeiro grande estudo deste cariz –, no qual Beazley aborda a história da exploração e conhecimento geográficos durante a época medieval (séculos IV-XV), não só no espaço europeu, mas também em várias regiões asiáticas. Na introdução à obra deixa desde logo entrever a forma como esta se estrutura, segmentando a Idade Média em três diferentes períodos e dedicando um volume a cada um deles.

O primeiro volume incide sobre o período que Beazley designou de “Dark Ages” (séculos IV-IX), por considerar que o mundo cristão se colocou na retaguarda da exploração geográfica, não só devido ao “rapid, perhaps too rapid, development of the Arab mind”, mas também ao trabalho de propaganda budista. No seu ponto de vista, este tempo ficou marcado pela proeminência das concepções religiosas na produção científica, tanto no plano teórico como ao nível prático, e pelas viagens de peregrinação e missão. Frisou, aliás, que o fervor religioso terá sido a principal causa de várias importantes empresas no que à exploração geográfica diz respeito. No entanto, esse mesmo fervor não terá permitido registar de forma científica o conhecimento adquirido, pois “the chiefs cosmographies or geographies are written for religious interests, and



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

in a religious spirit” (*The Dawn...*, 1897, pp. VII e 2-3). Deve referir-se, ainda neste volume, o capítulo que Beazley dedicou às regiões asiáticas, com foco nas geografias chinesa e árabe. O segundo volume centra-se no que o historiador britânico denominou de Idade Média Central (séculos X-XIII), tendo destacado desde logo as viagens dos povos nórdicos como prelúdio das cruzadas e ponto de partida para a expansão comercial, territorial e espiritual dos povos europeus. Essa expansão e uma certa suplantação dos motivos religiosos pelas motivações mercantis e políticas permitiram à Europa Cristã reassumir a posição que perdera para o mundo bizantino e operar uma mudança substancial em diversas áreas. Destaca-se, entre outros, o campo da Geografia, no qual ter-se-á verificado um progresso significativo.

A despeito de estes dois primeiros volumes contemplarem uma cronologia extensa, sobretudo quando comparada com a do terceiro e último volume, e de se ocuparem de tópicos centrais na caracterização da época medieval, é justamente esse último que apresenta maior interesse para a história do passado português. Tendo como ponto de partida da sua análise o desfecho das Cruzadas, Beazley direccionou a sua atenção para o desenrolar do século XIV e para os inícios da centúria seguinte, focando-se, por um lado, nas jornadas de alguns viajantes em território asiático, e, por outro, nas campanhas marítimas empreendidas por algumas nações europeias. É no contexto destas campanhas que Portugal se torna matéria de interesse para o historiador britânico. Situando a fundação da marinha portuguesa no ano de 1317, durante o reinado de D. Dinis, Beazley apontou para 1341 a primeira *aventura* marítima dos portugueses, que, juntamente com navegadores italianos, protagonizaram a primeira expedição no Atlântico subsidiada por estados europeus. O que, todavia, mais importa notar sobre a história portuguesa em *The Dawn of Modern Geography* prende-se com o papel que o historiador atribuiu aos portugueses, nomeadamente ao Infante D. Henrique, na transição para a era moderna. Segundo ele, foram as explorações portuguesas sob o comando do Infante D. Henrique “the point where «medieval» expansion really becomes a part of «modern» history” (Idem, 1906, p. 541). Eventos posteriores às expedições fomentadas pelo Infante, como a dobragem do Cabo da Boa Esperança e as viagens de Vasco da Gama e Cristóvão Colombo, definem uma época que, a seu ver, se distingue inequivocamente da Idade Média.

Tal perspectiva sobre a experiência histórica portuguesa e, em particular, sobre o Infante D. Henrique, não era novidade no panorama historiográfico de Raymond Beazley. Num artigo publicado em 1894, sob o título “The Colonial Empire of the Portuguese to the Death of Albuquerque”, o historiador tinha já deixado entrever um pouco da sua interpretação acerca do papel dos portugueses nos primórdios da era moderna, apontando o início da expansão marítima como ponto de viragem do mundo medieval para o mundo moderno. Neste estudo, que terá sido o primeiro a sair da pena de Beazley sobre história de Portugal, abordou ainda a questão da edificação do império português no Oriente. Considerando, por um lado, que o domínio português nas regiões do Índico tem, em certos aspectos – e muito devido ao seu pioneirismo –, valor superior ao da presença de outras nações europeias na região. Por outro, afirmou que a presença portuguesa no Oriente



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

apenas adquiriu contornos verdadeiramente imperiais com a acção de Afonso de Albuquerque enquanto governador do Estado Português da Índia. Francisco de Almeida, antecessor de Albuquerque e primeiro Vice-Rei, tinha já tomado “a more political view of things than the discoverers and traders who had preceded him”. Mas foi, na sua óptica, o 1.º Duque de Goa o principal responsável pela expansão do domínio português na região, não só ao nível comercial, mas também, e sobretudo, nos planos político e territorial. Com a sua morte em 1515, o império português, considerado pelo historiador como o primeiro império colonial da Europa Moderna, vir-se-ia revertido “to the simpler, safer and smaller ambitions of a commercial empire” (“The Colonial...”, 1894, p. 125). Embora tenha reconhecido que grandes feitos exigem sempre vários heróis, Beazley reservou a Afonso de Albuquerque uma posição de destaque naqueles que afirmou terem sido os tempos de glória dos portugueses.

No que à história de Portugal diz respeito, questões relacionadas com a expansão marítima e a presença portuguesa no Oriente foram frequente matéria de análise entre historiadores e geógrafos britânicos da segunda metade do século XIX e inícios do XX. Richard H. Major trouxe a público, em 1868, uma biografia do Infante D. Henrique. Frederick C. Danvers estudou a ascensão e o declínio do império português na Índia, dedicando, inclusivamente, o seu trabalho à memória do Infante D. Henrique. *The Rise of Portuguese Power in India 1497-1550* foi publicado por Richard S. Whiteway, que também traduziu para inglês e editou, sob o título *The Portuguese Expedition to Abyssinia in 1541-1543*, a obra de Miguel de Castanhoso. Em *The Story of Portugal*, Henry Morse Stephens distinguiu os séculos XV e XVI como tempos áureos de Portugal, tendo ainda publicado uma biografia de Afonso de Albuquerque. Considerando as referências ao passado português em *The Dawn of Modern Geography* e o artigo publicado em 1894, torna-se evidente que o trabalho de Beazley se integra nesta tendência da historiografia britânica. No entanto, o seu interesse por este período da história portuguesa não se esgota nos dois estudos mencionados acima.

Publicou, em 1895, no âmbito da série *Heroes of The Nations*, a biografia *Prince Henry the Navigator*, na qual procurou analisar a vida e o pensamento do Infante D. Henrique detalhadamente. Embora tenha seguido, dentro do panorama historiográfico britânico, a monografia de Major, reconhecendo-a como uma das suas principais referências na elaboração deste trabalho, Beazley apresentou uma perspectiva distinta acerca do Infante, interpretando-o “dentro de uma longa série de antecedentes europeus [...], ao mesmo tempo que analisa o tempo histórico específico português” (Jorge Borges Macedo, *A Historiografia Britânica...*, 1973, p. 26). Consciente da inerente relação entre épocas, perfilhou a ideia de que a vida e, sobretudo, a obra de D. Henrique apenas podem ser plenamente entendidas quando considerados os seus antecedentes e subsequentes. Não surpreende, portanto, que os primeiros capítulos desta biografia tenham sido dedicados aos precedentes da exploração marítima dos séculos XV e XVI, remontando aos primórdios do conhecimento geográfico medieval, às expedições dos povos nórdicos, às primeiras jornadas de peregrinação cristã e às Cruzadas. Todas elas, aliás, questões que viriam a ser aprofundadas em *The Dawn of Modern Geography*.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Do mesmo modo que Beazley afirmou que a acção de D. Henrique não poderia ter sido consumada – e não pode, por conseguinte, ser compreendida – “without each and every part of that many-sided preparation in the history of the past”, reconheceu também que os êxitos das gerações posteriores não poderiam ter sido alcançados sem o ímpeto que o Infante deu à exploração marítima e sem o conhecimento que o seu labor providenciou no campo da navegação. Mas o historiador vai mais longe. Embora tenha ressaltado os feitos de D. Henrique, como ter dado os primeiros passos na descoberta do caminho para a Índia e na conversão dos povos indígenas à religião cristã, Beazley declarou que a importância histórica do Infante não reside tanto nos feitos propriamente ditos, mas antes na repercussão que a sua acção teve nas gerações ulteriores. Admitindo aceitar a mítica tradição da Escola de Sagres – presente na historiografia portuguesa oitocentista e da primeira metade do século XX, e à qual Beazley dedicou um capítulo da biografia –, o historiador considera que terá sido essa “school of thought and practice” que permitiu aos navegadores das gerações seguintes atingir os seus êxitos.

A seu ver, foi o carácter “infinitely suggestive” do projecto marítimo de D. Henrique que fez dele o líder “of a true Renaissance and Reformation” e uma figura histórica cuja obra extravasa as fronteiras nacionais. Compreende-se, assim, que a vida de D. Henrique surja na interpretação de Raymond Beazley como “the turning-point, the central epoch in a development of many years”, e que ele seja considerado a principal figura do passado português.

Ao longo da obra o historiador descreveu e analisou os acontecimentos mais marcantes da vida de D. Henrique, e, por conseguinte, do seu projecto marítimo, distinguindo diferentes motivações para o seu desenvolvimento. Identificou, por um lado, a sua aspiração de descobrir o caminho marítimo para a Índia – ideia muito difundida na historiografia portuguesa desde o séc. XVI, mas posta em causa por Duarte Leite já nos anos 30 – como motivação primordial desse projecto. Para Beazley, esse plano foi concebido não só “for the sake of the new knowledge itself”, mas também pelo poder que daí adviria. Associada a esta descoberta, terá estado a intenção do Infante de obter rendimento das explorações realizadas ao longo da costa africana e, posteriormente, em território asiático. Segundo o historiador, “the chief hope of Henry's captains was that the wealth now flowing by the overland [...] would in time [...] go by the water way”. Salientou, por outro lado, o carácter missionário da empresa marítima de D. Henrique, considerando-a aliás uma Cruzada, uma vez que, além de descobrir e comercializar, os navegadores portugueses terão tido como móbil a conversão dos povos ao Cristianismo e o combate contra os muçulmanos (*Prince Henry...*, 1895, pp. 139-142).

Apesar de D. Henrique ser, evidentemente, o cerne desta biografia, Beazley apresentou nela uma interpretação do passado português que vale a pena notar. A formação de Portugal e a manutenção da sua independência ao longo do tempo são, como é sabido, aspectos que despertaram grande interesse entre historiadores estrangeiros na segunda metade de Oitocentos e nas primeiras décadas da centúria seguinte. Enquadrado na tendência historiográfica britânica do seu tempo, Raymond Beazley perfilhou uma “espécie



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de darwinismo social aplicado às histórias nacionais”, sustentando a ideia de que as nações se encontram entre os melhores exemplos da sobrevivência do mais forte (Jorge Borges de Macedo, *A Historiografia Britânica...*, 1973, p. 27). Portugal é, a seu ver, um desses exemplos, não só por ter-se mantido autónomo durante os primeiros séculos da sua existência, mas também por ter demonstrado resistência e a “stubborn restless independence of the people”. Tal desenvolvimento de Portugal durante a Idade Média e a defesa convicta da sua independência terão permitido ao reino português tornar-se, segundo Beazley, no mais desenvolvido de todos os reinos cristãos quando chegadas as centúrias quatrocentista e quinhentista. Durante este período, Portugal valeu-se do seu instinto marítimo e assumiu uma posição central na transição europeia da época medieval para a era moderna, não só por ter transformado a exploração marítima num projecto “systematic and continuous”, mas também por ter tornado os portugueses nos “founders of our commercial civilisation, and of the European empire in Asia” (*Prince Henry...*, 1895, pp. 125-126, 144).

Mencionámos anteriormente que a biografia de Major, publicada em 1868, constituiu uma das principais referências na elaboração de *Prince Henry the Navigator*. À parte deste trabalho, o historiador recorreu ainda a outras obras internacionais, como é o caso de *Untersuchungen über die geographischen Entdeckungen der Portugiesen unter Heinrich dem Seefahrer* (1842), de Johann E. Wappäus, e de *Henri le Navigateur et l'Académie Portugaise de Sagres...* (1890), publicado por Henri E. Wauwermans. Contudo, o que aqui mais importa assinalar prende-se com o conhecimento que Beazley demonstrou da historiografia portuguesa sobre a matéria e, sobretudo, das fontes da época do Infante D. Henrique. No que concerne à historiografia portuguesa, o autor britânico apontou *Os Filhos de João I*, de Oliveira Martins, como uma das suas principais referências, tendo passado também pela *História de Portugal* de Herculano para contextualização do Portugal medieval. Relativamente às fontes, recorreu amiúde à *Crónica do Descobrimento e Conquista de Guiné...*, de Gomes Eanes de Zurara, que, aliás, conhecia em profundidade, pois publicou uma tradução desta obra para inglês juntamente com Edgar Prestage. Do mesmo cronista, utilizou também a *Crónica de D. João I*, tendo compulsado ainda a *Crónica de D. Duarte* e a *Crónica de D. Afonso V*, ambas publicadas por Rui de Pina.

Embora *Prince Henry The Navigator* seja, porventura, o trabalho mais completo de Beazley no que à história de Portugal diz respeito, o historiador viria a publicar dois artigos anos mais tarde, nos quais retomou tópicos abordados na biografia do Infante. Trata-se de “Prince Henry of Portugal and the African Crusade of the Fifteenth Century” (1910) e “Prince Henry of Portugal and his Political, Commercial, and Colonizing Work” (1912), ambos vindos a público em *The American Historical Review*. Neles procurou enfatizar algumas ideias que tinha já apresentado, caso da do carácter religioso da empresa marítima portuguesa, considerando-a uma Cruzada, e da de que o Infante D. Henrique assumiu um papel decisivo na elaboração dessa empresa e na revitalização “of those energies which makes the fifteenth century so memorable” (“Prince Henry...”, 1910, p. 12). Beazley contribuiu também para obras de referência e revistas dos campos geográfico e historiográfico. Importa salientar as vinte e uma entradas que redigiu para o *Dictionary of National Biography*, com destaque



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

para o texto sobre D. Filipa de Lencastre, bem como o contributo para a célebre *Encyclopaedia Britannica*. Notória é também a sua participação em *The Geographical Journal* – que ainda hoje se mantém a revista de referência da Royal Geographical Society –, tendo publicado diversos artigos e revisões críticas.

Autor prolífero, Raymond Beazley integrou o período da historiografia britânica em que se estabeleceu “uma verdadeira corrente de investigação idónea, bem assente e justificada por razões científicas e não de circunstância”, e no qual se valorizaram elementos que até então não tinham tido tanta relevância no labor historiográfico britânico sobre Portugal. Borges de Macedo ressaltou, a esse respeito, a “necessidade de dispor de elementos documentais portugueses” e a percepção de que o conhecimento sobre a história de Portugal seria indispensável “para analisar os antecedentes da expansão colonial inglesa”. Notou, ainda, que para estes historiadores “a função da história não se coaduna[va] com generalizações”, reconhecendo-se a necessidade de se estudar a história portuguesa no seu próprio ritmo, distinto de qualquer outra realidade, e, no caso de Beazley, de “definir uma perspectiva sobre a cultura europeia onde a contribuição portuguesa se revele útil para uma sequência compreensível” (Jorge Borges de Macedo, “A Historiografia Britânica...”, 1973, pp. 27-29). Charles Raymond Beazley foi condecorado com o título de Cavaleiro pela Monarquia Britânica em 1931, tendo falecido a 1 de Fevereiro de 1955, em Birmingham.

**Bibliografia activa:** *James the First of Aragon. The Lothian Essay 1889*, Oxford, Blackwell, 1890; “The Colonial Empire of the Portuguese to the Death of Albuquerque”. *Transactions of the Royal Historical Society*, vol. VIII, Cambridge, Cambridge University Press, 1894, pp. 109-127; *Prince Henry The Navigator. The Hero of Portugal and Modern Discovery (1394-1460)*, London, The Knickerbrocker Press, 1895; BEAZLEY, C. R. e PRESTAGE, Edgar (trans.), *The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea. Written by Gomes Eanes de Azurara*, 2 vols., London, Hakluyt Society, 1896-1899; *The Dawn of Modern Geography. A History of Exploration and Geographical Science...*, 3 vols., Oxford, The Clarendon Press, 1897-1906; *Texts and versions of John Plano de Carpini and William de Rubruquis*, London, Hakluyt Society, 1903; *An English Garner: Voyages and Travels mainly during the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries*, 2 vols., Westminster, Archibald Constable and Co., 1903; “The Russian Expansion towards Asia and the Arctic in the Middle Ages (to 1500)”. *The American Historical Review*. Vol. 13, Issue 4, 1908, pp. 731-741; “Prince Henry of Portugal and the African Crusade of the Fifteenth Century”. *The American Historical Review*. Vol. 16, Issue 1, 1910, pp. 11-23; “Prince Henry of Portugal and his Political, Commercial, and Colonizing Work”. *The American Historical Review*, Vol. 17, Issue 2, 1912, pp. 252-267; BEAZLEY, C. R., FORBES, Nevill e BIRKETT, G. A., *Russia from the Varangians to the Bolshvekis*, Oxford, The Clarendon Press, 1918; *Nineteenth Century Europe and Britain*, London, W. Collins Sons and Co, 1922; *The Road to Ruin in Europe, 1890-1914*, London, J. M. Dent and Sons, 1932.

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

**Bibliografia passiva:** COUSIN, John W., *A Short Biographical Dictionary of English Literature*, London, J. M. Dent and Sons, 1910, p. 423; HILLIARD, Edward (ed.), *The Balliol College Register 1832-1914*, Oxford, Oxford University Press, 1914, p. 22; MACEDO, Jorge Borges de, *A Historiografia Britânica sobre Portugal*. Separata de *Palestra*, n.º 42, Lisboa, 1973, pp. 7-43; MATOS, Sérgio Campos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do século XIX*, Lisboa, Edições Colibri, 1998, p. 78; “Obituary: Sir Charles Raymond Beazley, D. Litt.”. *The Geographical Journal*. Vol. 121, n.º 4, 1955 (December), pp. 546-547; SETON-WATSON, R. W., “Review of *The Road to Ruin in Europe, 1890-1914*. By Sir Raymond Beazley”. *The Slavonic and East European Review*. Vol. 11, n.º 32, 1933 (January), pp. 458-460; STEVENSON, E. L., “Review of *The Dawn of Modern Geography. Volume III. A History of Exploration and Geographical Science from the Middle of the Thirteenth Century to the Early Years of the Fifteenth Century (c. A.D. 1206–1420)*. By C. Raymond Beazley”. *The American Historical Review*. Vol. 12, Issue 4, 1907, pp. 869-871.

Carolina T. Rufino